



O ROMANTISMO: UMA REFERÊNCIA PARA A LÍNGUA NACIONAL

Élcio Aloisio Fragoso¹

RESUMO: Filiando-nos ao quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa, nosso estudo trabalha o Romantismo enquanto um processo de produção de sentidos decisivo para a formação do pensamento nacional. Dessa perspectiva, o Romantismo é parte constitutiva da formação da língua nacional/da nação brasileira/do Estado brasileiro. Ou seja, entendemos o Romantismo enquanto um discurso – um acontecimento de linguagem – que funda uma memória para a língua nacional/para a nação brasileira.

Palavras-chave: cidadania, discurso romântico, escrita, estilo, língua nacional.

ABSTRACT: Speaking from the theoretical perspective of the French School of Discourse Analysis, our study explores Romanticism while a process of production of decisive meanings for a formation of national mind. From this perspective, Romanticism is a constitutive part of the formation of national language/Brazilian nation/Brazilian State. In others words, we understand the Romanticism while a discourse – an event of language which installs a memory to a national language/to a Brazilian nation.

Key-Words: citizenship, romantic discourse, writing, style, national language.

Considerações iniciais

Com o discurso romântico não inaugurávamos apenas a era nacional da literatura brasileira. Inaugurava-se também uma *escrita/escritura* da língua nacional brasileira. Ou seja, não apenas imprimiam-se obras literárias nacionais, como também se praticava a língua nacional brasileira. Se, por um lado, a literatura romântica explicitava um “estilo” próprio de escrita (um estilo moderno, em oposição ao estilo clássico, segundo José de Alencar), por outro lado, podemos dizer que é este estilo que vai conferir à língua

¹ Mestre e doutor em Linguística pela UNICAMP. Professor de Linguística e de Língua Portuguesa do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), de Itu/SP. Brasil. elcioaf@terra.com.br

nacional brasileira uma “forma” (estrutura) própria. Este “estilo moderno” rompia com o modelo clássico de escrita (estamos pensando, especificamente, no texto em prosa) que consistia na construção de uma longa série de orações articuladas pelas conjunções e amontoadas em um só período. Para José de Alencar esse estilo (o clássico) “*obscurecia o pensamento e muitas vezes sacrificava a harmonia e lucidez gramaticais*”. Em contrapartida, o estilo moderno “variava o torneio das frases”, “moldava-se a todos os relevos do pensamento”, conforme destacou José de Alencar. Estabelecendo as diferenças entre estes dois estilos, teríamos então: *o clássico - um estilo de caráter pesado, monótono, prolixo, contido...; e o moderno - um estilo conciso, simples, flexível, fácil, terso...* Ainda segundo José de Alencar, no estilo moderno, a separação de períodos prestava-se melhor aos vários pontos de descrição de um fato. Para nós, a construção de períodos (mais) curtos (esta divisão de períodos) conferia à língua nacional o caráter de uma língua concisa, fácil, simples. Com esta divisão de períodos, possibilitava-se uma outra leitura²/interpretação para a língua portuguesa. Leitura esta comprometida com a clareza, a concisão, a simplicidade, a elegância.

Estamos afirmando que o estilo de escrita romântico constituiu o “traço particular” da língua nacional brasileira: uma língua romantizada, naturalizada, libertada. O estilo de escrita romântico rompia com os padrões clássicos (literários) que constituíam a norma (a referência) para a escrita. Isso significa dizer que, o autor romântico implantava “inovações” no tratamento da língua escrita; essa era a norma romântica.

Pensar o discurso romântico enquanto uma escritura que instituiu um estilo de escrita próprio (inovador), significa também considerar este estilo como aquele que construiu a singularidade da língua nacional brasileira. Os movimentos da escrita na literatura (a noção de estilo), que se realizam em condições específicas, explicitam, na verdade, os movimentos de uma língua escrita. A noção de estilo que individualizou a escrita romântica no Brasil, no entanto, não deve ser confundida com uma tentativa de

² Leitura aqui deve ser entendida enquanto processo de instauração de sentidos.

descrição da língua portuguesa falada no Brasil. Ou seja, estamos querendo dizer que o estilo de escrita romântico não significou a transcrição da língua portuguesa falada no Brasil. Trata-se de considerar o estilo de escrita romântico como a instauração de uma *escrita/escritura* nacional.

A noção de estilo, para nós, constitui o processo de transformação da língua escrita, ou seja, a noção de estilo mexe com a estrutura de uma língua. E é a literatura, enquanto discurso, que materializa a ideologia na base da língua, produzindo efeitos do *diferente* na *mesma* língua. Dessa forma, a literatura se “encarrega” de trabalhar a língua, tendo em vista determinações ideológicas e históricas específicas, sem que esta (a língua) tenha a sua identidade (unidade) desconstruída.

Com isso, a língua transfere à literatura a sua capacidade de se transformar, de se *ficcionar* (de inventar), enfim de criar *poesia*. A literatura, portanto, é o lugar em que a língua é reinventada/recriada. A língua conferiu a ela este lugar *extra (ordinário)*. A literatura constituiu-se na “arte” da língua escrita. É assim que entendemos a divisão entre a língua e a literatura, ou seja, entre a arte literária e o saber linguístico.

Por outro lado, queremos mostrar que a literatura também constitui um saber linguístico, pois ela é parte constitutiva de uma língua (estamos pensando em termos de construção da sua unidade imaginária). Enfim, nosso trabalho busca explicitar esta relação sensível entre língua e literatura, exatamente, para não contribuir com a ideia de “estancamento”/divisão, que algumas teorias têm construído e reforçado, entre estes dois objetos. Para nós, estes dois domínios também fazem parte de um mesmo processo que envolve a construção da identidade/unidade de uma nação e de um povo. E a língua é o lugar em que esta unidade (imaginária) é construída.

Dessa perspectiva, Interessa-nos pensar o discurso romântico como um processo que consistiu na construção de um estilo próprio para o tratamento da língua portuguesa escrita do Brasil. É nesse sentido que podemos afirmar que o discurso romântico inaugurou uma *escrita/escritura* nacional.

A literatura, portanto, dá a visibilidade de uma língua que se transforma. Ou seja, uma língua escrita não tem leis próprias e permanentes (naturais). A literatura é responsável pelo movimento da língua. Ela explicita uma língua flexível, maleável. A literatura torna visível uma língua escrita que não se fecha para os sentidos. Ela mostra a impossibilidade de uma língua acabada, fechada em si mesma.

Estamos falando, especificamente, da noção de estilo literário, enquanto um discurso que trabalha a língua de um modo particular.

Como se vê, não estamos nem compreendendo a língua nela mesma, e tampouco acreditamos que ela tem leis naturais que a regem. Trata-se de pensar uma língua escrita, a partir da constituição de discursos (*a literatura, a gramática e o dicionário*) que constroem a unidade da mesma. Estes discursos são a referência de uma língua escrita. A questão não é apenas a de falar uma língua, mas a de ter (instituir) uma língua escrita. É por este viés que pretendemos compreender a relação entre língua e literatura, no Brasil, no século XIX (especificamente a partir da segunda metade deste século).

A noção de estilo da perspectiva discursiva

Nessa direção, podemos dizer que, são estes discursos que criam a ilusão (a realidade) de uma língua escrita. Eles, portanto, não são inerentes à escrita; eles são construídos em condições específicas e estão diretamente ligados à construção de um pensamento nacional. São estes discursos que constituem a materialidade histórica de uma língua escrita.

Nesse texto, pretendemos mostrar, especialmente, que o estilo literário romântico - enquanto um discurso - trabalhou a língua portuguesa de um modo específico (instituindo a língua nacional brasileira), assim como cada (qualquer outro) estilo literário³ também tem a sua singularidade e sua regularidade.

³ Aquilo que resulta em uma perspectiva literária no que se chama estilo pode ser visto discursivamente como discursividades literárias.

Entendemos, então, que a noção de estilo literário transforma a estrutura de uma língua escrita, conforme veremos mais adiante com o deslocamento que o estilo literário romântico produziu, em relação à língua portuguesa tradicional, instaurando novas construções gramaticais, e imprimindo novos sentidos para esta língua escrita.

Pensar o Romantismo enquanto discurso é deslocá-lo do mundo “irreal”, configurado pelo misticismo que envolve as teorias que descrevem a literatura, para inscrevê-lo no real da história, da língua. Feito este deslocamento, resta agora compreender a relação que este discurso mantém com a constituição da língua nacional e com a constituição da nação brasileira, dadas as condições em que ele foi produzido.

É muito mais produtivo e substancial pensar o discurso romântico em relação às reais condições de produção que o constituíram: a emergência de construção de um pensamento nacionalista, do que permanecer na abstração do pensamento, no mito da inspiração e da imaginação, na criação do espírito, enquanto fonte desse discurso.

Dessa forma, acreditamos estar diante do real deste discurso, visto que ele tomava forma no interior da constituição da história da nação brasileira (enquanto parte dela) que se construía nas bases materiais da língua portuguesa. Estamos querendo dizer com isto que o discurso romântico estava operando transformações, tanto na história dessa nação quanto na história dessa língua no Brasil, fixando novos rumos tanto para esta quanto para aquela.

Não se trata de pensar a história (da perspectiva cronológica) enquanto sucessão de fatos e nem a língua (no seu nível abstrato) enquanto processo linear, contínuo, progressivo. Isso quer dizer que o discurso romântico constituía-se em um momento crítico da história da nossa língua e da nossa nação. Era o momento em que se reivindicava uma língua *escrita* nacional (a constituição de objetos históricos - a gramática e o dicionário - que garantissem a sua unidade) e uma *escrituração* (a literatura = saber linguístico individual/próprio dessa língua nacional) da mesma, bem como a constituição de instituições (Academia Brasileira de Letras, Escolas, etc.) que pudessem legitimar essa língua *escrita* (esses objetos históricos) e essa *escritura*.

Desse modo, o discurso romântico, se assim podemos dizer, constituiu o real de uma prática escrita da língua nacional, ou seja, ele se configurou enquanto uma *escritura* original que fundava uma história singular para a língua nacional brasileira.

Partiremos do princípio de que no intervalo do século XIX (principalmente, após a segunda metade deste século), um conjunto de textos/discursos foi produzido, configurando uma materialidade que construía uma leitura específica para a nação brasileira que se constituía.

Estamos falando do discurso romântico que, do nosso ponto de vista, configurou (e instaurou) um arquivo literário/uma memória escrita (que não se reduz a documentos da língua nacional) para a língua nacional. Ele constituiu-se numa referência para a língua nacional/para a nação brasileira.

Por outro lado, a materialidade do discurso romântico (re) vestiu a língua portuguesa com novas “estruturas” que deram a visibilidade de um estilo próprio de escrita para este discurso e (que) ao mesmo tempo explicitaram a existência de uma língua nacional. Esta língua nacional que se constituía, perpassada pelo discurso romântico, construía, ao mesmo tempo, sua (própria) referência no território nacional.

Estamos querendo dizer que o discurso romântico produziu certos deslocamentos em relação à língua portuguesa de Portugal. Ou seja, ele aliou o pensamento nacionalista à existência de uma língua nacional, pois um povo que tem a sua própria índole, seu pensamento próprio deve também ter uma língua que seja a expressão desse seu pensamento (espírito), e a literatura romântica, enquanto prática dessa língua, era a expressão direta desta nacionalidade/deste pensamento nacionalista. Foi a partir dessa perspectiva que os escritores românticos construíram a língua nacional brasileira.

O Romantismo: uma materialidade para a língua nacional brasileira

Nesse sentido, o discurso romântico constituiu a materialidade da língua nacional (pois entendemos que a relação entre língua e discurso é constitutiva). Ele materializou

as ideologias que constituíram o pensamento nacionalista. Entenda-se por materialidade, as condições específicas em que a língua é colocada em funcionamento (ou seja, as condições específicas em que o discurso é produzido).

Desse modo, o discurso romântico explicitava uma realidade linguística brasileira (tanto estrutural, quanto referencial) que refletia a nossa prática linguística. Vale dizer que esta realidade (linguística) brasileira foi realçada pelo sentimento romântico que dominava as ideias desta época.

O discurso romântico trabalhou a língua de uma maneira específica (estamos falando do estilo de escrita romântico), configurando um saber linguístico legítimo como parte essencial da constituição da cultura do povo brasileiro. Este saber linguístico configurado pelo discurso romântico evidenciava também novas “relações” entre as palavras, o que implicava na produção de novos sentidos relacionados à brasilidade (da língua). Em outras palavras, o discurso romântico explicitou a construção de um saber gramatical (sintático) que refletia a “consciência” do povo brasileiro.

Podemos afirmar, então, que tanto a literatura quanto a gramática não são “disciplinas” que se desenvolvem enquanto “entidades” autônomas, isoladas (fechadas) que possuem características (inerentes) próprias (identificáveis e reconhecíveis universalmente). A existência dessas disciplinas não é abstrata e nem transparente. Tratam-se de discursos (saberes linguísticos) que se constituem na base da língua (escrita) enquanto instrumentos linguísticos que constroem a própria existência (imaginária) deste objeto (a língua).

Portanto, estes discursos têm uma espessura temporal (AUROUX, 1992: 11), isto é, uma materialidade (historicidade) passível de descrição, construída no tempo. Eles se desenvolvem enquanto práticas linguísticas no interior de uma formação social e num intervalo temporal específico. Estes discursos são partes constitutivas da história da língua de um povo.

Nesse sentido, podemos afirmar que a constituição desses discursos (a literatura e a gramática) consiste na construção da identidade de um povo (ou seja, estamos

pensando na constituição do sujeito) e de uma nação (estamos pensando em termos de unidade linguística).

No Brasil, a constituição desses saberes linguísticos legítimos (nacionais), enquanto objetos históricos (as gramáticas e as obras literárias), disponíveis para a sociedade brasileira é elaboração particular do século XIX. No entanto, o processo de construção desses saberes sobre a língua nacional não se reduz a um processo em que a língua seria entendida nela e por ela mesma.

Temos aí, também, a construção do lugar da autoria nacional, ou seja, o gramático e o literato estavam legitimando a constituição desses saberes nacionais sobre a língua. Seria a explicitação da existência (legítima) desses saberes linguísticos nacionais.

Dessa forma, estes autores se colocavam como autoridade do que diziam (instalavam uma discursividade para a língua nacional), eles singularizavam a língua nacional.

A formação da língua nacional no Brasil: um processo assegurado pelo Romantismo

A construção dessa língua nacional (de seus saberes linguísticos) significou, nos termos de Orlandi (1997a: 7), simultaneamente, a constituição de um sujeito nacional (o cidadão brasileiro que tem sua língua própria). Com a autoria dos literatos (e dos gramáticos), uma interpretação para a língua nacional estava sendo produzida (e legitimada). Vale dizer que esta interpretação definia a especificidade (a identidade) dessa língua e fixava uma realidade brasileira (tanto em relação aos falantes dessa língua quanto ao próprio “mundo” que ela descrevia - sua exterioridade/sua referência).

Lembremos, ainda, que os escritores românticos instituíam uma língua nacional, enquanto expressão do pensamento/espírito do povo.

Como se vê, não estamos pensando as obras literárias e as gramáticas (produzidas no século XIX) enquanto objetos isolados (cada um no seu território) que têm formas e conteúdos diversos. Também não se trata de pensar estes objetos enquanto documentos da história (transparente) de uma língua. Não queremos ainda olhar para estes objetos apenas do ponto de vista do discurso pedagógico.

Nosso objetivo é produzir uma outra leitura para estes objetos. Uma leitura que considera a materialidade (a historicidade) e a especificidade (as condições de produção) desses objetos. Queremos compreendê-los (nas condições em que eles foram produzidos) enquanto parte da constituição de uma língua nacional (sua unidade), de um sujeito nacional, enfim de uma formação social.

Em outras palavras, trata-se de uma produção literária e gramatical que se desenvolvia(m) na base da língua escrita (em um espaço/tempo específico) e que imprimia(m) uma materialidade específica para esta língua. Ou seja, esta materialidade particularizava a língua nacional. Ela tornava visível a existência dessa língua nacional e ao mesmo tempo se configurava como parte da existência de um povo e de uma nação, pois como já dissemos, ela “refletia”/ “expressava” as “ideias”/ os “sentimentos” do povo brasileiro.

Em outros termos, pode-se dizer que esta materialidade explicitava a prática dessa língua possível e lhe conferia uma visibilidade representada. Temos, então, na literatura romântica, dicionários e gramáticas do século XIX, manifestações linguísticas legítimas da língua nacional. Estes saberes linguísticos, então, trabalharam a brasilidade (nacionalidade) desta língua; eles transferiram para o território nacional a significação/a referência desta língua. A exterioridade (referência) desta língua estava sendo construída juntamente com a produção desses saberes linguísticos (as obras literárias românticas e as gramáticas). Esses saberes linguísticos (discursos) constituíram a existência da língua nacional. São eles que colocaram a língua em funcionamento e transformaram a sua estrutura. Esses saberes linguísticos habitaram e arranjaram a língua de uma maneira específica (mexendo na sua estrutura e referência).

É, pois, assim (enquanto saberes linguísticos, enquanto discursos que constituíram a língua nacional) que estamos entendendo a produção de obras literárias, de dicionários e (de) gramáticas no Brasil, no século XIX.

Desse modo, entendemos que a produção literária romântica do Brasil não foi apenas o início de uma produção literária nacional. Ela significou também uma referência para a língua nacional que se constituía simultaneamente neste contexto específico.

Para além de um estilo literário: a construção de uma língua de caráter nacional

A língua portuguesa do Brasil necessitava, então, de uma escritura também nacional, não para expandir/difundir os novos vocábulos e os traços particulares que se formavam no Brasil no domínio da língua, mas para instituir uma nova rede de significações (uma memória) que legitimasse as transformações (os deslocamentos) operadas (os) no terreno da língua. Isto significa dizer que a literatura romântica expressou a “suavidade”/a “simplicidade”/a “naturalidade” da língua nacional. Ela explicitou (e atestou) que a língua portuguesa do Brasil não podia ser a mesma de Portugal, visto que os brasileiros tinham suas próprias ideias, sentimentos, etc., e uma língua é a expressão (o instrumento) de “ideias” e “sentimentos” de um povo. Tendo uma produção literária (escritura), a língua (escrita) (a)firmava-se, individualizava-se, legitimava-se.

Nesse sentido, a literatura romântica não representou somente um estilo literário (fechado em si mesmo) que marcou a mentalidade de um povo num certo período. E, também, não se trata de considerar o estilo de escrita romântico, apenas, enquanto uma reação ao modelo de escrita literário vigente (o clássico) até então no domínio deste discurso (=o literário). Estaríamos, desse modo, negando a própria materialidade (existência) da língua. Tampouco podemos considerá-la (a literatura romântica) como

um período que reúne autores, obras, características (marcas) que representariam um contexto sócio/histórico/cultural específico.

A literatura romântica, do nosso ponto de vista, está diretamente ligada à questão da língua nacional. Trata-se de um discurso (o literário) que fixou uma mentalidade para o povo brasileiro. Construiu uma imagem para a língua nacional e para a nação brasileira. Criou uma identidade para a língua e para o povo desta nação. Estamos afirmando que o estilo literário romântico representou uma construção de arquivos (configurou uma memória). Ele instituiu uma discursividade para a língua nacional e para a índole do povo brasileiro.

Desse modo, o estilo literário romântico reuniu um arquivo que constituiu um conhecimento (um saber linguístico) sobre a língua nacional. Seguramente, ao se construir de um modo e não de outro, uma leitura estava sendo explicitada (imposta) e outras estavam sendo apagadas. Queremos dizer com isto que uma leitura romântica estava sendo produzida para a nação brasileira. Estamos assinalando a presença do político no discurso. O discurso romântico fixou um determinado sentido e não outros para a nossa língua e para a nação brasileira. Estamos assinalando a presença do político no discurso. O discurso romântico fixou determinados sentidos e não outros para a nossa língua e para a nação brasileira. Nesse texto, procuro interpretar o discurso romântico para poder compreender os efeitos de sentidos que este discurso imprimiu para nossa língua e para nossa nação.

O discurso romântico, nesse sentido, constituiu-se em um lugar em que irromperam correntes filosóficas no gesto de interpretação dos temas nacionais. Os escritores românticos interpretaram o nacionalismo brasileiro tendo em vista filiações teóricas/filosóficas específicas. Ao buscarem na *natureza* e no *índio* a essência do nacionalismo brasileiro (pois estes dois elementos constituíram o “símbolo” da nacionalidade brasileira), nossos escritores estavam produzindo certos sentidos para a língua, para o povo, à nação brasileira e não outros. Dessa forma, o nosso nacionalismo

foi interpretado tendo em vista uma certa concepção naturalista (a teoria do “bom selvagem”, de Rousseau).

Entender o Romantismo enquanto discurso significa afirmar que ele, também, produziu certos sentidos para o Brasil e para a língua nacional e não apenas inaugurou uma produção literária nacional (independente, em relação a Portugal).

A literatura romântica, dessa maneira, construiu uma referência para o Brasil e para a língua nacional. Não se trata, portanto, de pensar que o Romantismo “ocultou” o verdadeiro Brasil e a verdadeira língua brasileira, mostrando apenas um Brasil “utópico” (fantasioso) e uma língua brasileira “irreal” (impossível). Não acreditamos que é o objeto que constrói o discurso, mas sim o discurso que constrói o objeto.

Não se pode falar, por exemplo, de um Brasil que tenha sido sempre já um Brasil, temos, ao contrário disso, discursos que foram imprimindo sentidos para este país. Pode-se afirmar, então, que a literatura romântica descreveu/interpretou certos elementos como a “essência” deste país.

Ao se constituir de um modo e não de outro, o discurso romântico produzia certos sentidos para o Brasil e não outros. Tratava-se de exaltar (e afirmar) o *índio*, a *natureza*, e o nosso *passado histórico* como a “alma nacional”. Foram estes elementos que constituíram a referência para o (do) Brasil na literatura romântica, ou seja, trata-se de relacioná-los à constituição de sentidos referentes à brasilidade deste país.

A literatura romântica, portanto, identificou o Brasil tendo como base o sentimento de orgulho (sentimento nacionalista), em relação às riquezas naturais deste país (o índio e a natureza). Decorre daí a nossa afirmação de que o Romantismo construiu uma imagem romantizada (naturalizada) para o Brasil. Estamos querendo dizer com isto que a constituição do discurso romântico se deu de maneira específica no Brasil, e a sua materialidade histórica é parte das condições do processo em que se desencadeou a construção da língua nacional brasileira/da nação brasileira.

É nesse sentido que entendemos também, conforme já dissemos, que a materialidade histórica do discurso romântico constituiu a referência da língua nacional brasileira (e da nação brasileira).

Por outro lado, dizer que o índio na literatura romântica é considerado um elemento natural deste país não significa afirmar a sua inclusão na constituição da nossa história, tratava-se, ao invés disso, de conferir a ele um lugar fictício (fantasioso) na história do Brasil, ou seja, reproduzia-se a ideia de que o índio representava a origem deste país. Desse modo, produzia-se o seu apagamento na história (real) deste país, pois ele aparece apenas enquanto “personagem” desta história e não como parte constitutiva da mesma.

Considerações finais

O discurso romântico instaurou um outro olhar para a língua portuguesa escrita que se praticava no Brasil. Um olhar determinado, de um lado, por um sentimento (o sentido) nacionalista que se propagava (e se impunha), tendo em vista a situação política do país (a urgência em se constituírem discursos que configurassem a nação brasileira, bem como constituírem-se discursos sobre a língua nacional), e por outro lado, pelo sentido romântico que afetava o discurso dos autores dessa época.

O pensamento romântico brasileiro, portanto, constituiu-se na busca de se construir uma consciência nacional. Em outras palavras, tratava-se, então, de construir a imagem de um país que tem suas “próprias raízes” e sua própria individualidade. A constituição do discurso romântico estava articulada à emergência da instituição da autonomia da nação brasileira. Pode-se dizer que esta autonomia (a nossa independência) foi construída, em termos de unidade política, com a instituição da língua nacional. Ou seja, a nossa autonomia política consolidava-se com a nossa autonomia linguística/ do “pensamento”/do “espírito”.

Estamos querendo dizer que a literatura romântica é um lugar privilegiado para se observar a construção dessa unidade linguística (e política).

O Romantismo, portanto, constituiu-se num acontecimento linguístico/discursivo que deu a visibilidade de uma língua simples, fácil, concisa, etc. É este acontecimento de linguagem que instaura o imaginário da língua nacional e da nação brasileira. Ele funda⁴ a história de uma língua nacional.

A literatura trabalha a unidade de uma língua/ de um povo/ de uma nação. O discurso romântico, dessa perspectiva, representou a instituição da língua nacional que se materializou com o funcionamento de vocábulos nacionais e mecanismos linguísticos que constituíram a “interioridade” (a essência) dessa língua (nacional).

Instituiu-se, dessa maneira, com o discurso romântico um léxico e uma gramática representativos da língua nacional. Não se trata, porém, de pensar este léxico e estes mecanismos linguísticos (a gramática) apenas sob um ponto de vista histórico (da perspectiva cronológica) da língua. Em outras palavras, uma língua não somente enriquece com a criação de novos vocabulários, ou simplesmente evolui com a construção de arranjos gramaticais. Trata-se de compreender o modo (as condições) como este léxico e estes arranjos gramaticais se incorporaram à língua portuguesa do Brasil, no século XIX, tendo em vista a construção de dicionários, gramáticas e obras literárias, enquanto objetos históricos que representam uma língua escrita.

No caso específico da língua portuguesa no Brasil, podemos afirmar que desde o início, no século XVI, as condições em que essa língua era praticada, já produzia um deslocamento em relação à língua portuguesa de Portugal. Porém a constituição de discursos sobre a língua nacional (brasileira) - estamos falando da literatura, da gramática e de dicionários - é particularidade do século XIX.

⁴ Estamos compreendendo o Romantismo enquanto um discurso fundador (ORLANDI, 1993a: 13), pois ele instaura uma nova ordem de sentidos para a língua portuguesa no Brasil, ou seja, ele re-significa a língua portuguesa tradicional, fazendo deslocamentos, em relação à escrita (a sintaxe e ao léxico) e à significação (a referência) desta língua.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Entendemos, então, que, com a configuração do discurso romântico constituía-se a imagem da língua (escrita) nacional, ao mesmo tempo em que se instituía um conhecimento legítimo produzido nessa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Publifolha, 1997. (Biblioteca Folha; 3)
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni Puccinelli(org.). *Gestos de leitura - da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos) - 2º volume (1836-1880)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil - vol.3 - era romântica*. São Paulo: Global Editora, 1997.
- DIAS, Gonçalves. *Obras poéticas de Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto, cronologia e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. *Gonçalves Dias - poesias*. Organização, cronologia e notas por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1960.
- _____. *Poemas - Gonçalves Dias*. Seleção, introdução e notas de Péricles Eugênio da S. Ramos. São Paulo: Publifolha, 1997. (Biblioteca Folha; 15).
- DIAS, Luis Francisco. *Os sentidos do idioma nacional*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

- FRAGOSO, É. A. *A relação entre língua (escrita) e literatura (escritura) na perspectiva da história da língua no Brasil*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL – UNICAMP, Campinas, SP, 2001
- GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni P. (orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.
- GUIMARÃES, Eduardo. História da gramática no Brasil e ensino. In: *Relatos nº 5*, outubro - 1997. Campinas, SP: DL - IEL - UNICAMP.
- HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer / querer dizer*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita - língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LAJOLO, Marisa. Oralidade, um passaporte para a cidadania literária brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo / ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas SP: Pontes Editores, 1996.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.
- NUNES, José Horta. Formação do léxico e saber linguístico. In: *Relatos nº 5*, outubro-1997. Campinas, SP: DL - IEL - UNICAMP.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: SP, Pontes, 1993a.
- _____. “A língua brasileira”. In: *Anais*, Abralín, SBPC, São Paulo, 1993b.
- _____. *As formas do silêncio - no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1996a.
- _____. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Cortez editora, 1996b.
- _____. *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996c.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

- _____. “Gramática, gramatização e a emergência das primeiras gramáticas brasileiras.” In: *Anais do VI congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro, 1996d.
- _____. “O Estado, a Gramática, a Autoria”. In: *Relatos*, nº 4, junho - 1997a. Campinas, SP: DL-IEL-UNICAMP.
- _____. “Apresentação: Língua nacional e saber metalinguístico: um projeto singular”. In: *Relatos*, nº 5, outubro – 1997b. Campinas, SP: DL-IEL-UNICAMP.
- _____. *Análise de Discurso - princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. “O Estado, a Gramática, a Autoria: Língua e Conhecimento Linguístico.” In: *Línguas e instrumentos linguísticos nº: 4/5*. Publicação do Projeto: “História das Ideias Linguísticas no Brasil: ética e política das línguas.” Campinas, Pontes Editores, 2000.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli, & SOUZA, Tania C.C de. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). *Política linguística na América Latina*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1990.
- _____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli(org.). *Gestos de leitura - da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- _____. *Semântica e discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. *Papel da memória/Pierre Achard...[et alii]*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PFEIFFER, Claudia Castellanos. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In: ORLANDI, E. P. (org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.
- PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil - textos escritos e teóricos - vol. 1 (1820/1920) - fontes para a teoria e a história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- RIBEIRO, João. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, Livreiro - Editor, 1902.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

- _____. *Páginas de estética*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1905.
- _____. *Frases feitas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1908.
- _____. *O fabordão*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1910.
- _____. *A língua nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- RIBEIRO, Júlio. *Procellarias*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1887.
- RODRÍGUEZ, Carolina. *Língua, nação e nacionalismo - um estudo sobre o guarani no Paraguai*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística), IEL-UNICAMP, Campinas, SP, 2000.
- SENNA, Homero (org.). *Obras seletas de Carlos de Laet - II - polêmicas*. Rio de Janeiro: Agir: Fundação Casa de Rui Barbosa; [Brasília]: Instituto Nacional do Livro, 1984.